

A TEORIA DA DUALIDADE MENTE-CÉREBRO E SUA RELAÇÃO COM A ESPIRITUALIDADE NA SAÚDE

Islan da Penha Nascimento

Médico Otorrinolaringologista e Conselheiro Titular do CRM-PB.

O crescente incremento nas pesquisas sobre a relação da Espiritualidade com a Saúde (S/E), observado nas últimas décadas, é em grande parte explicado pelos resultados positivos encontrados nesta relação. Apesar de certo ceticismo da academia, ainda em parte existente, da falta de apoio financeiro privado, principalmente da indústria farmacêutica, as pesquisas vêm em um crescente volume de trabalhos científicos que buscam entender as várias nuances envolvidas nesta relação. Assim, muitas das evidências robustas já validadas por tais pesquisas já podem ser aplicadas nos consultórios e na educação médica.

O interesse por esta relação da saúde com a espiritualidade não é algo recente por parte dos pesquisadores. Porém, o volume de publicações e a relevância dos temas abordados parece mostrar um menor receio do meio acadêmico de interferências de conceitos religiosos dogmáticos, distantes do saber científico, que pudesse nos fazer regredir aos séculos medievais obscuros do conhecimento humano, não mais aceito, nem possível.

Também advém, tal crescente interesse pelo tema “Saúde e Espiritualidade”, da necessidade de se apresentar um novo modelo teórico que consiga melhor explicar fenômenos ditos “extrafísicos”. Ocorrências observáveis em todas as épocas e civilizações, mas que, apesar de não serem fenômenos raros, e mesmo que o fossem, foram deixados de lado pelo modelo materialista exclusivo, apesar de tantos avanços na física quântica.

Avanços aconteceram, mas muito há ainda por ser desbravado pelos laboratórios de pesquisa. Há várias linhas de pesquisa que vêm ampliando seu leque, em grandes centros universitários, como a Duke University (Carolina do Norte - EUA), com os estudos do dr. Harold König, e a Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, com o prof. Alexander Moreira, que coordena uma pós-graduação em Saúde e Espiritualidade.

Diante destes novos olhares, na direção de um entendimento mais holístico da ciência, foi lançado um manifesto intitulado: “Manifesto por uma Ciência Pós-Materialista”, assinado por renomados pesquisadores, como Mario Beauregard, PhD, Gary E. Schwartz, PhD Lisa Miller, PhD, Alexander Moreira-Almeida, MD, PhD, dentre outros. Dentre os muitos pontos levantados, há uma concordância de que a mente é uma realidade primordial, tanto quanto é mundo físico.

Dentre os vários temas trazidos por esta verdadeira mudança de paradigma nas pesquisas em Saúde, existe um que há séculos intriga o pensamento humano: a relação mente-cérebro. Hoje, com as ferramentas metodológicas de pesquisa mais bem elaboradas e os equipamentos tecnológicos mais sofisticados, como a Ressonância Funcional, saímos do pensar filosófico e entramos com pesquisa científica.

“Penso, logo existo”, assim disse René Descartes, filósofo e matemático francês. A ideia da existência de duas entidades distintas, uma material, o cérebro (o corpo), e outra imaterial, a mente, se apresenta bem na referida fala de **Renatus Cartesius (seu nome latino)** e defendida por ele, o criador do racionalismo, que valoriza a razão e a intuição na obtenção do conhecimento.

Na teoria Dualista, que vê a mente e o cérebro analogamente a um hardware e um software, guardadas as devidas diferenças, a mente seria a porção imaterial (o software) do ser, que manteria uma relação interativa de mão dupla, sendo ela o verdadeiro “EU”. Já o cérebro (o hardware) seria a porção material desta unidade funcional, executando brilhantemente, ou não, e até mesmo limitando, a expressão e os comandos da mente. Descartes defende que a mente é a “coisa pensante” (*res cogitans*) e o corpo a “coisa extensa” (*res extensa*), a substância material, que tem largura, comprimento e profundidade.

Já a teoria Monista **Materialista/Fisicalista**, predominante nas ciências cognitivas e em grande parte da filosofia contemporânea, argumenta que a consciência é um fenômeno físico e emerge da complexidade do cérebro e do sistema nervoso. A experiência subjetiva (a consciência) é explicada por processos neurológicos. Dessa forma, a mente e a consciência seriam uma expressão da atividade cerebral, e que se extinguiria parcialmente, no caso de lesões parciais, com traumas e neoplasias, ou totalmente com a morte cerebral.

Analisar a existência de uma e de outra porção da unidade pensante/executante requer método adequado. O cérebro vem em grande vantagem por estar sujeito a nossa percepção, aos nossos sentidos, e - apesar de sua grande complexidade - vem permitindo ser escrutinado pelas várias ciências, como a neurociência, anatomia, fisiologia, farmacologia, etc.

A mente, por sua vez, a porção imaterial, também é objeto de pesquisa. Não tem a mesma facilidade de individualização e medição, pois foge aos nossos sentidos físicos. Porém, a sua expressão perceptível, ou seja, os pensamentos e sentimentos, são há tempos analisados pelas ciências da psiquê (Psiquiatria e Psicologia), e demais escolas humanistas, como a filosofia e a religião, pois estas expressões constituem o próprio ser humano. No entanto, o pensamento não reflete apenas a mente, como entidade individualizada, pois está também sujeito ao bom ou mau funcionamento do cérebro. Assim como ocorre em um computador (hardware) avariado (p. ex: um vírus), que não executará bem um programa (software), a expressão desta unidade funcional mente-cérebro refletiria ambas as porções.

E como individualizar esta Mente, sendo algo imaterial e não mensurável? Que metodologia usar para objetivamente inferirmos a sua existência sem que a atividade cerebral do indivíduo receba os louros, corroborando a visão monista?

Vários pesquisadores vêm trabalhando com a teoria da “Mente não local” e “Consciência não local”, que sugerem que a consciência e os processos mentais não estão restritos ao cérebro e ao corpo, mas podem se estender ou se conectar a algo maior, de forma semelhante à ligação quântica (2, 3). Através da observação empírica de fenômeno da expressão da consciência, e que não encontram explicação em um paradigma estritamente materialista, buscam formular uma ciência que reflita uma análise mais ampla da realidade observável.

O pesquisador Alexander Moreira não se refere a uma "consciência não local" como um conceito cientificamente comprovado, mas sim estuda a possibilidade da mente e consciência não serem totalmente redutíveis ao cérebro. Através de suas pesquisas com fenômenos como experiências de quase-morte, premonições, lembranças espontâneas de vidas passadas, mediunidade e outros, sugere que a consciência pode ter aspectos que vão além da atividade neural, criando assim um diálogo racional entre ciência e espiritualidade.



Referências

BEAUREGARD, Mario; SCHWARTZ, Gary E.; MILLER, Lisa; DOSSEY, Larry; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; SCHLITZ, Marilyn; SHELDRAKE, Rupert; TART, Charles. Manifesto for a Post-Materialist Science. **Explore: The Journal of Science and Healing**, v.10, n.5, p.272-274, 2014. DOI 10.1016/j.explore.2014.06.008.

experts.arizona.edu+1

DOSSEY, Larry. Nonlocal Mind: A (Fairly) Brief History of the Term. **Explore (NY)**, v.11, n.2, p.89-101, 2015. DOI 10.1016/j.explore.2014.12.001. [PubMed](#)

DESCARTES, René. René Descartes. Wikipédia: a enciclopédia livre, 31 mar. 1596-11 fev. 1650. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes. Acesso em: 10 de nov de 2025.